



Gaiato

AVENÇA

26 de Abril de 1975 * Ano XXXII — N.º 812 — Preço 2\$00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes
Fundador: **Padre Américo*** Director: **Padre Luiz**

AQUI, LISBOA!

Era um Homem simples, com uma Fé profunda, daquela que remove montanhas. Vicentino dos quatro costados, fazia seus sofrimentos dos Outros. Durante mais de trinta anos visitou semanalmente um dos hospitais de Lisboa, procurando ajudar dos mais variados modos os Doentes, discreta e delicadamente atento a tudo e a todos.

Com uma vida privada chela, nunca lhe faltava, todavia, o tempo para fazer o bem e assistir às reuniões da sua Conferência, primeiro como Presidente e depois como simples Confrade, a todos galvanizando com o seu conselho avisado ou a sua palavra amiga, mas muito mais com o seu devotado exemplo. Morreu de morte súbita há

poucos meses, numa praça da Capital, sem a maior parte dos seus amigos terem dado conta do facto. O «Livro da Vida» registará, no entanto, este apagado oficial do Exército, que longe da publicidade e das algazarras do mundo, procurou sempre dar testemunho da sua Fé, amando os seus irmãos.

O apontamento acima apresentado, para lá duma singela homenagem, quer significar um chamamento à realidade. Sem um empenhamento individual de cada um de nós não é possível uma vida mais humana. As estruturas podem (e devem) mudar, mas nunca estancarão os dramas, a dor e o sofrimento. Se os homens não se debruçarem uns sobre os outros, com o seu desvelo e o seu amor,

mormente sobre os mais fracos ou em dificuldades físicas ou morais, a vida não terá «sal» e será sempre insuportável para muitos, se não para todos. Sem uma caridade viva e um sentido de fraternidade autêntica, varrendo com os egoísmos e as barreiras que separam as pessoas, o mundo não será melhor e não haverá o indispensável calor humano que a torne apetecível. Podem vir as instalações sociais mais avançadas, detentoras das mais evoluídas técnicas e dos recursos mais vultuosos; todavia, se faltar o sofrer com os que sofrem, o chorar com os que choram e o comungar com os outros as suas próprias cruces, tudo será em vão. Fazer dos outros homens o nosso Próximo requer, claro, respostas colectivas, mas supõe e exige, antes de mais, a relação individual de homem para homem, que só ela quebrará o gelo das soluções meramente tecnocratas ou despersonalizantes, onde os ho-

Continua na QUARTA página

UMA VISITA

Pintassilgo foi quem a anunciou. Eu preparava-me para a Missa dominical. A porta da Capela aguardava um casal na casa dos 60, modesto de aparência, delicado nos modos. Entrámos na sacristia. Não queriam tomar-me tempo. Por isso ele se adiantou a contar:

No início dos anos 30, quando da grande crise económica mundial, ele era ninguém e sem êxito procurava emprego. Foi quando um tio tomou uma loja e o chamou a colaborar. Tempo de muito trabalho. Não tinham ainda amanhecido as semanas «americanas», sequer as «inglesas». Muitas vezes era preciso entrar na madrugada.

O tio envelheceu e tencionava passar-lhe a loja. A morte, porém, adiantou-se e foi depois que o projecto teve realização. Havia de dar à Tia o preço justo. Aceitou letras. Comprometeu-se a um resgate anual de 40 contos. O trabalho redobrou, agora somado das preocupações que o conduzir da pequena barca e o empenho da palavra implicavam. Nem passeios, nem divertimentos, nem nada daquelas práticas de «relaxe» que a sociedade de consumo viria a introduzir e generalizar.

Os anos passaram e o compromisso, penosamente, foi sendo amortizado. Nasceram os filhos, criaram-se os filhos, sempre no mesmo clima de austeridade e equilíbrio.

Sobre o prédio da loja pendia uma sentença de demolição. Se fosse executada, para onde ir?, como continuar?, como saldar a dívida? Foram anos de «guerra de nervos»... Mas a sentença permanece plano e «já agora — me acrescentava ele — julgo que ainda irei eu primeiro».

Assim, pensou que em liquidando o seu débito, também se poderia comprometer mais dois anos. Os Pobres não poderiam invocar de iure os seus direitos. Mas ele não lhes contestava e entendia que essa era a acção de graças conveniente à escaldada feita de zero a uma situação de modesta suficiência pela posse plena do pequenino bem que tão sacrificadamente conquistara.

Esta a razão da sua visita: desquitar-se deste débito voluntariamente assumido pelo casal. E arrancou do bolso o pacotinho das oitenta notas, discretamente embrulhadas em papel bonito, como se fora uma lembrança de sapatinho de Natal ou guloseima de Páscoa.

O Povo — imagem viva do nosso Povo trabalhador e amante da Justiça consumada na liberdade do amor trouxe-nos este homem bom e pobre e ignorado que, com muitos outros semelhantes, proclamam e realizam a nossa independência dos poderes que neste mundo mais vezes afrontam que libertam, sejam económicos ou políticos. Nem de uns nem de outros jamais fomos ou queremos ser. Do Povo, sim; para o Povo; pelo Povo — que nos entende e nos ama; a quem nós entendemos e amamos.

Continua na QUARTA página

TRIBUNA DE COIMBRA

Pelo carimbo do correio e pela letra do endereço fiquei a saber donde vinha e de quem era e adivinhei o motivo da carta que recebia. Dentro de mim o coração disse-me: «é mais um daquele terra».

A terra é uma praia. É um grande centro de veraneio. Tem hotéis, tem piscinas, tem «boites», tem casa de jogo, tem porto de mar, tem muitos encantos e muitos lugares de diversão, tem casino. Gastam-se lá rios de dinheiro e este gastar é, muitas vezes, um esbanjamento, um atropelo, uma afronta.

No fim de cada verão fica também a miséria, o lixo. Ficam mais crianças convidadas à vadiagem, ficam mais mulheres escravizadas pela sensualidade de muitos homens e ficam meses à espera de nascer filhos sem pai.

Desde sempre temos sentido na alma esta dor profunda pelos muitos filhos que temos criado daquela terra. A maior parte deles traz a marca: melancolia, inclinação para o álcool, deficiência mental, tendência para o roubo, sistema nervoso avariado, paixão pela fuga, gosto pela malícia.

Três destes filhos que criámos, e que na adolescência fugiram do nosso convívio e foram aceites por seus familiares, hoje estão detidos em prisões. Que cartas lindas já recebemos de cada um! São os únicos que sabemos

presos, mas são os três da terra que nos bate à porta para recebermos mais um.

Eis a carta:

«Caríssimo
Um abraço muito fraterno.
Venho apresentar-te mais uma grande aflição para juntares às muitas que já tens.

Há nesta paróquia um pequeno de dez anos, filho duma mãe

solteira. A mãe faleceu há pouco e o miúdo ficou sem família. Para maior infelicidade dele só há pouco foi registado e só agora começou a frequentar a escola. Não é atrasado mental.

Vê se o podes receber nessa grande família, onde ele poderá vir a ser um homem, como tantos daí têm saído.

Agradece-te tudo o que possas fazer por mais este, o irmão

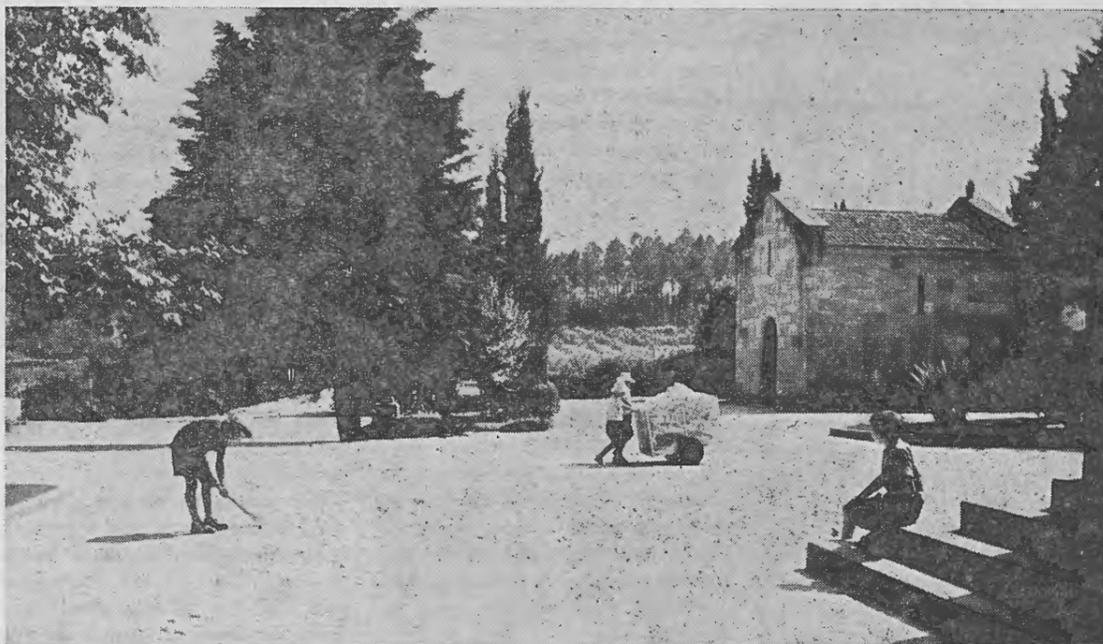
amigo, sempre a teu dispor.»

No mesmo dia respondi que sim. Pela apresentação do pároco esta aflição é das nossas. Estas aflições são a marca da nossa vida.

Mas não podemos calar a verdade dolorosa a que já nos referimos: é que o prazer desca-

Continua na QUARTA página

Casa do Gaiato de Beire — Paredes: «Nas casas de família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes».



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CALOTES — O tesoureiro abor-dou-nos, hoje, com um ar muito grave. Estranhámos. E ficámos suspen-pensos!

— Já liquidámos os dois calotes. Foram mais de seis contos...

Enconrillhou a testa. Pelo compor-tamento, dialogámos com os nossos botões: é vítima do cargo. A cha-mada *deformação profissional*...

E tornou:

— Uma sangria! Temos, ainda, de acabar a construção da casa de F... É preciso madeira, cimento e os sa-lários do trolha e do carpinteiro são pesados...

Continua o ar muito grave. Tesou-reiro igual a *deformação profissional*!

— Alto, homem! O que for pre-ciso, se Deus quiser, aparece; há-de aparecer...

— Temos de fazer barulho!

— Sim; «temos de fazer barulho!» Isto é, procurarmos uma fiel ressonância dos gemidos, aflições e carências dos Pobres...

— Afinal, a conta, no merceiro da família do tropa (que não há meio de o passarem à disponibilidade...) foram mais de três contos! E o outro calote, do caseiro; também no merceiro, passou dos três contos!

Que remédio nós temos senão ou-vir os desabafos do homem das mas-sas e do merceiro e dos Pobres — enquanto todo o mundo promete o céu caído às trambolhões...

— Estamos a ficar depenados — insiste. Depenados! É uma despesa louca! Uma data de contos de réis por mês!...

— Vamos procurando resolver al-guns problemas, não vamos?

— Pois claro que vamos!

— Isso é que é preciso...

Recordámos, então, a miséria-escon-dida da família do caseiro. E mais. — Caras de fome! A mulher, os filhos... Caras de fome! Temos de continuar a botar-lhes a mão...

Aqui está: «Temos de continuar a botar-lhes a mão». É a nossa missão. Enquanto assim procedermos, reco-nhecendo as nossas limitações; en-quanto procurarmos seriamente o bem dos Pobres, tarefa que, no concreto, deveria ser de todos, até de *profetas* da nova vaga, o Senhor estará conosco — porque estamos com os Po-bres, repetimos.

E deixámos de fazer contas...!

RECEBEMOS — De velha amiga, cujo calvário é por todos nós, «a hu-milde gotinha referente a Março e Abril». Uma presença de Gavião. Uma «*Lecista da Figueira*» manda 50\$00 e diz que são «para os meus Irmãos Pobres da Conferência de Paço de Sousa, sufragando a alma de meu saudoso Pai». Um sufrágio cristão! O mesmo de Carcavelos, assinante 2750. Idem de um Médico de algu-res — muito amigo e muito nosso. E a *procição* dos 50\$00 continua com outro tanto de um industrial amigo de Torres Novas. O dobro da R. Alexandre Herculano, Lisboa. Alhandra, «20\$00 *duma Viúva por alma de seu querido esposo, para o mais preciso*

da vossa Conferência». Duas vezes mais de Lisboa, «*migalha para ajudar alguns dos casos que vêm relatados em «O Gaiato»*. Mais 1.000\$00 com destino «ao pagamento da dívida de mercearia do tropa». E metade, da capital, «para ocorrer a uma *necessidade mais urgente*».

Muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO



Casamento de Fátima Inácio e Augusto João Inácio (ex-«Pião») na Igreja de Fátima, em Lisboa.

VELHOS E NOVOS — Eu não sou do tempo deles, mas não foram muitos os dias que passaram desde a minha entrada nesta Casa até os conhecer. Talvez numa Páscoa ou outra festa assim, que nessas alturas não vão eles faltar, não.

Foram o «Tótó» e o «Pião» e cá em Casa continuam a sê-lo. Os seus nomes próprios ninguém se incomoda a perguntar. Chega um e logo um coro: «Olh'ó Pião!» ou «Eh Tótó!» E prá malta: «Está cá o Tótó». São sempre assim conhecidos. Não se aborrecem e cantando ou contando anedotas, ei-los rodeados da «Batatada» cá de Casa.

Um foi no seu tempo o melhor vendedor de «O Gaiato». Talvez lenda ou exagero, mas todos os vendedores sabem das suas peripécias. E diz-se: «Vendeu mil jornais quando da morte de Pai Américo». «Chegava à beira de uma pessoa, dava-lhe uma palmadinha nas costas e oferecia o último jornal, pendendo-lhe do ombro a saca ainda cheia». Das palmadinhas e do paleio também sou testemunha pois, não de uma vez só, me tirou um macinho de jornais e mos vendeu, enquanto o diabo esfrega um olho, à porta da igreja na Figueira da Foz.

O outro talvez tenha sido o mais traquinas e mais maroto do seu tempo. Chega, recorda e conta. Que eu ouvisse nunca contou casos em que não tivesse feito das dele. Pena tenho de não recordar uma só que fosse, dessas peripécias que ele narra e tão cómicas nos parecem. Se fomos a pensar e sairmos da brincadeira dá impressão que não houve nada de positivo na sua tão longa estadia nesta Casa. E, no entanto, não deixa de ser ele hoje um dos rapazes mais generosos, que nunca falta com a sua oferta material nos dias de festa e o seu sentido de humor que faz parte dele, cá em Casa. Quem era capaz de imaginar o «Tótó» sem a sua anedota d'outros tempos?

CASAMENTOS — E, agora, o Augusto João Inácio, ex-«Pião», casou na Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa. A sua esposa chama-se Fátima.

O Victor (apenas sei o nome próprio), ex-«Tótó», fez o mesmo na Capela do Calvário Húngaro em Fátima e a esposa é Júlia.

Ambos tiveram a nossa presença, pois somos a sua família.

Sendo eles tão alegres, tenho fé em que também serão muito felizes.

REGRESSO — Chegaram há pouco mais dois que acabaram de cumprir o serviço militar.

Um veio de Moçambique. É o Flávio e contou-nos como correram suas viagens e pormenores dos ataques que sofreu e da vida que por lá passou.

O outro veio de Angola e por lá se tinha encontrado com mais três Rapazes desta Casa, um deles seu irmão.

São ambos carpinteiros. Mais dois que irão povoar as novas oficinas-escola que ainda não funcionam, talvez por falta de rapazes que as po-voem; talvez por os pedreiros, ocupados na construção da casa do nosso João Aurélio, ainda não retocaram as paredes ou talvez por outros motivos. Mas, com a vinda de mais estes dois, com certeza, estarão montadas para breve.

Lita

BENGUELA

«FORASTEIROS» — Março, mar e férias.

Benguela, mais do que nunca, é invadida por milhares de «forasteiros» vindos dos mais diversos pontos do País e além País. Até nossa Casa também não escapou. Durante alguns dias estive entre nós um grupo de moços da Casa dos Rapazes d' Nova

TOJAL

OBRAS — Durante algum tempo estiveram parados os trabalhos nas novas camaratas.

Estavam cheios os caboucos de uma das casas, enquanto que a outra já tinha o telhado quase pronto.

Aproveitando o período em que o tempo menos favorecia, voltámo-nos para o parque-infantil, que será inaugurado no próximo domingo. Adivinha-se a alegria que tal facto irá provocar nos mais pequenitos que enchem a nossa Casa.

Desconhecem-se por enquanto os «regulamentos».

Devo acrescentar que o parque está apetrechado com bastantes coisas. Umhas de fabrico caseiro, outras que nos foram oferecidas, outras ainda que achámos bem comprar. Assim, temos dois carroceis, um escorregadouro e vários baloiços. Temos ainda alguns tabuleiros de futebol, jogos de sala, quadrados, etc., etc.

Uma coisa é certa: as nossas crianças, que são sempre um tema aliciante, irão agora *vadiar* menos pela quinta e sentir-se-ão mais aconche-gadas, coisa que, lá fora, não encontraram como «Lixo das ruas».

Depois de concluído o parque-infantil, o pessoal das obras voltou novamente para as camaratas, estando agora a levantar as paredes daquela que tinha apenas os caboucos cheios. Iremos devagar, pois «devagar se vai ao longe».

Lisboa e os nossos mais novos da Casa do Gaiato de Malanje. Os primeiros, por casualidade, vieram disputar o nacional de Basquetebol na categoria de juniores. E após este ter terminado, preferiram ficar entre nós mais uns dias a gozar o lindo sel de Março que este ano foi uma autêntica fogueira. Os nossos de Malanje, como vem sendo habitual nestes últimos anos, deixaram os ares do interior para tomar os do litoral. Do mesmo modo os mais pequenos da nossa Casa de Benguela, saturados já com os ares do litoral, foram também integrar-se nos ares do interior e passar cerca de 15 dias na nossa Casa de Malanje.

Voltando de novo ao princípio, dizia eu que Benguela foi como que invadida por «forasteiros». Ora, num destes dias, em conversa com uma pessoa amiga que cá esteve também a gozar as suas merecidas férias, a certa altura da nossa conversa dizia ela que as crianças mais do que nunca carecem de uma educação muito esmerada, principalmente na primeira infância. Quanto ao capítulo da educação, toda a gente sabe e bem que as crianças para serem senhores de amanhã precisam deste rico alimento que, infelizmente, muitas ignoram por culpa dos próprios educadores.

Mas, muitos ao ouvirem dizer férias... férias para as nossas crianças, poderão perguntar: só para as nossas crianças? E as dos outros? Sim, só para elas. Não podemos admitir mais nenhuma. Todas as crianças são nos-

PASCOA — A semelhança dos anos anteriores, viveu-se a Semana Santa com bastante devoção.

Na Quinta-feira Santa toda a Comunidade participou na celebração litúrgica, mas mais directamente, um grupo de doze que tomou parte na cerimónia do «Lava-pés», recordando o acto realizado por Jesus ao lavar os pés aos Seus Apóstolos, dando assim uma prova de que é necessário «servir para ser servido».

Na Sexta-feira Santa, a Comunidade voltou a reunir-se na capela para se associar à Paixão do Senhor.

No Domingo de Páscoa, o sol raiou cedo e veio inundar-nos de luz. Luz que nesse mesmo dia era símbolo de salvação para os homens.

Reinou grande alegria, como é próprio nos dias grandes.

Desejamos que todos os leitores tenham passado uma santa Páscoa.

PEDIDO — Como muitas outras coisas, também as máquinas de costura se desgastam. É essa a escusa apresentada pela sr.ª D. Virgínia ao falar-me na necessidade de uma máquina de costura para a rouparia. As que lá existem deram o seu contributo, e bastante eficaz.

A sr.ª D. Virgínia não pede uma máquina do último modelo, mas uma que se encontre em condições de dar mais rendimento do que as que cá existem.

Creio que os amigos serão capazes de atender a este pedido. E poderão ficar certos de que a senhora muito vos agradecerá.

Jorge Cruz

as. Nossas, com o seu olhar limpo, simples, transparente, que bem que-riamos para nós. Dá inveja vê-los satisfeitos, com um punhado de mi-nudências ridículas, alma aberta às alegrias puras e sãs, sem engano nem reserva, nem cálculo, nem astúcias.

Um provinciano costumava saudar assim seus conterrâneos:

— Olá! Bons dias dê Deus aos Pobres. E explicava: — É que os ricos não precisam de que lhes dêem bons dias, porque já se preocupam eles por fazê-los bons.

Parafrazeando o provinciano, di-ríamos: boas férias dê Deus às crian-ças pobres, porque as ricas já têm pais que lhas hão-de proporcionar boas.

Sobram comentários. Admitem-se reflexões. Em suma, faça o bem que puder, enquanto pode. Leve para férias, este ano, uma criança pobre. Seja alegre, porque a alegria é uma virtude, e «nunca somos tão alegres como quando somos bons, e nunca somos tão bons como quando alegres». As suas férias passarão. Tudo passa. E, quem não avança, recua, diz o Povo. Mas não é caso para bandeiras a meia-haste, nem lutos, porque aquilo que passou pode surgir; aquilo que partiu, pode unir-se de novo, a quando do ressurgimento festivo daquilo que julgávamos perdido e que não se perdeu, porque as palavras de Jesus Cristo não foram vãs nem em vão podem ficar.

«Aquilo que fizerdes a um destes pequeninos, a Mim o fareis.»

«Solano»

«Quando eu morrer é que vai ser...»

Ao passarmos uma vista d'olhos — com os olhos da alma — pela correspondência dos Leitores, a gente vê e apalpa a verdade daquela afirmação de Pai Américo; que no-la disse tantas vezes, a sorrir, como quem brinca.

«Quando eu morrer é que vai ser...»

Vamos primeiro aos Pobres. Colocá-los no seu lugar, para confusão dos poderosos. É uma «simples empregada doméstica», de Tomar:

O «Doutrina»

«Queridos amigos: Acabei de ler o vosso jornal e fiquei entusiasmada pelo livro «Doutrina». Gostava muito de o possuir para ler e dá-lo a ler a outras pessoas. Não vos envio já o dinheiro porque não sei o seu preço. Gostava muito de vos ajudar, mas sou uma simples empregada doméstica que ganha um ordenado pequeníssimo e que

tenho encargo de mãe. Apenas receba o livro eu enviarei um vale de correio. Despeço-me com um abraço de amizade...»

Amizade cristã! E andam, andamos nós, os homens, pressurosos a ver a maneira de encontrar pontos quentes para fomentar ódios, rancores — para dividir...

Uma Viúva. É das Caldas da Rainha:

«Parece impossível que há tanto tempo eu não mande dinheiro para aí!!! Já recebi, salvo erro, dois livros da vossa Editorial e não dou resposta. Isto é incrível, tanto mais que sou uma apaixonada pela vossa Obra!...

Conheci o Pai Américo. Tive a grande dita de o ouvir e ver aqui em Caldas, onde resido, no Teatro Pinheiro Chagas.

(...) Os livros do Pai Américo são lidos com um sorriso nos lábios, por vezes, mas com as lágrimas sempre nos olhos. Precisavam de ser lidos por muita gente. Lidos e meditados.

Pois meus caros amigos, vou 100\$00 para os livros e vou passar a mandar 20\$00 por mês para alívio da minha dívida, pois fiquei viúva, sem rendimentos nem pensão de sobrevivência, apesar de meu marido ter sido funcionário público. Mas, enfim, com a graça de Deus vou vivendo e ainda posso ajudar quem tem menos do que eu, pois tenho um filho muito bom.

Podem continuar a mandar todas as novas edições. São sempre bem vindas, assim como o jornal, que assinamos à volta de 30 anos. É um velho amigo que entra em minha casa...»

Em tempos de mudança, a gente fica enamorado do crescente interesse de pais e de filhos pelas obras de Pai Américo! Sim; o mundo dá e dará muitas voltas. Uma coisa, porém, ninguém nos poderá arrancar a ferros: o amor familiar...

Bombarral:

«Venho pedir-lhes o favor de me mandarem a cobrança ou como melhor for para a Obra, o livro «Doutrina».

Faz-nos bem, sempre, essa leitura, que reservo para meus filhos também...»

Avintes:

«(...) Recebi «O Barredo» e o «Pão dos Pobres». São mais para os meus filhos, que andam na Escola Primária, embora eles tragam coisas úteis para mim. Mas, pelo menos, quero ver se faço deles melhores do que eu. Tenho tido essa preocupação...»

Como somos um País com dezenas de milhares de cidadãos a mourejar fora da Pátria, a Voz do Emigrante é sagrada, indispensável. Um compatriota domiciliado em Singen — Alemanha, fala por todos:

«Muito vos agradeço este pobre emigrante, os valiosos e úteis livros «O Barredo» e «Dou-

trina», que muito ajudam a passar o doloroso tempo de emigrante, que muito mais virão ainda a ser um bom companheiro para quem nesta vida de amargura seja fraco, por se sentir um estrangeiro quando os homens assim o querem...»

Não vem dia ao mundo, repetimos, que não saiam livros de Pai Américo das nossas prateleiras! O mundo tem fome de Justiça Social, mas baseada no Evangelho. Cristo é o primeiro Libertador. Todos os outros são uns libertadorzinhos. É uma afirmação, implícita, nos testemunhos dos homens de boa vontade que aí vão, como «naquele tempo». E mais este, de Lisboa:

«Já comecei a «devorar» os livros e não tem conta a vezes

que leio e releio certas partes, extractos vivos do Evangelho, perdoe-me a comparação.

Antes de adormecer já não posso passar sem tal leitura tão viva, tão actual e já lá vão trinta anos dos acontecimentos narrados...»

Mais um João, de algures:

«Venho agradecer o livro «Doutrina», que me enviaram. Ainda só li uma pequena parte, porque esta leitura requer meditação. Mas posso desde já dizer que «Doutrina» tem, acima de tudo, a verdade, para quem a quiser ver.

Mas a verdade é um facto terrível. Todos nós procuramos aproximar-nos de sua luz, mas com medo de suas queimaduras...»

Quem diria melhor?!

Júlio Mendes

Malanje

MÃE CHIMINA

Chimina José!
Vem comigo pelas ruas desertas.
Os silêncios guardam o teu medo...
Tu não vês?
A grande cidade está parada e suspensa do nosso gesto.

— Tiveste sete filhos, mãe Chimina?
— Sim.
Sete negros valentes!, eu vejo no teu rosto.
Tuas lavras,
Teus guinchinhos nas noites de abandono!
Toma a minha mão — e põe nela a tua timidez...
— E.
— A cidade dos brancos está longe e fora de ti.
O mundo deles...
Já viste, mãe Chimina?
— Ainda.

A tua mão tem o calor das coisas e o sabor da terra!
É cândido este aperto.
Esta noite é virgem;
Virgem de lua, de sombras, de falas.

Vem comigo à catedral.
Há lá um nicho vazio
Dum santo que foi vendido
Ao museu.
A lâmpada do Senhor faz brincar as colunas,
Num murmúrio de silêncio, naves fora...
Não tenhas medo!
Sobe...
Fica direita,
As mãos ao longo do teu corpo,
A frente erguida.
Diante de ti vou dizer a oração.

... Santa mãe Chimina!
Pede ao Senhor:
Que esta prece,
Irmã das batucadas,
Das prostitutas negras,
Das lavras de algodão,
De todos os grupos de contratados
Não seja um grito sem sentido!
Que ela seja doce e quente como um sol-pôr!
Branca como os teus dentes brancos!
Singela como a flor do jacarandá!
Que rasgue as janelas do tempo e se projecte no infinito!
Ai, mãe Chimina!, quanta coisa tenho no coração!
Olha,
Quando o sol fizer poalha de oiro no cimo dos morros
E cabriolas nas cúpulas das cidades
Ficarás estátua viva,
Dentro da grande catedral
E no altar que Deus te dá.

Santa Chimina José!
Leva ao Senhor
Os ritmos e anseios dos teus irmãos negros!
E teus irmãos brancos...

Padre Telmo

Reflectindo

Cristo ao salvar-nos abriu o diálogo entre cada homem e Deus. Devemos, como resposta, viver de forma que o nosso encontro com Deus seja cada vez mais profundo e claro. Abrindo-nos a Deus na medida em que nos abrimos à vida, nos seus valores mais profundos, empenhando-nos na prática do bem. Procurando sempre a presença de Deus dentro de nós.

O homem, devido à sua complexidade, só através de um persistente esforço de encontro consigo próprio em verdade, consegue centralizar a sua vida através de um autêntico diálogo com Deus. A vida dispersa-nos e nem sempre temos vontade ou força para encararmos de frente a problemática que é a inserção na vida.

Neste mundo que estremece, procurando novas estruturas que melhor sirvam os seres humanos, são muitas vezes lutas estéreis o resultado do esforço, quicá bem intencionado, de muitos homens.

Os grupos guerrelham-se e os homens procuram por todas as formas aumentar a sua força combativa em vez de humildemente utilizarem a sua capacidade criadora à procura de novas plataformas de entendimento. O fariseísmo continua a ser moeda corrente nos nossos dias.

Se todos fossem capazes de viver procurando o amor que Cristo pregou, o mundo não seria um mar de rosas, porque há muitas vezes problemas insolúveis, mas os homens viveriam numa entre-ajuda construtiva, onde as liberdades essenciais de cada um eram respeitadas... porque a Paz em geral constroi-se com o somatório de Paz que há em cada um.

Dizia alguém que cada homem é uma guerra civil. Sendo assim, como nos havemos de admirar das guerras e desencontros que por aí proliferam a todos os níveis?

Tenhamos pois todos a preocupação de cuidar de viver ligando a Deus as passadas da nossa vida, pedindo-Lhe que nos ilumine interiormente, a fim de criarmos ao longo da vida condições de Paz interior para que a nossa acção no mundo dos homens seja sinal de presença do Bem.

Pensemos todos que para dar é preciso criar dentro de nós capacidade para tal e que essa capacidade se consegue através da análise global e corajosa das nossas pessoas tão cheias de contradições.

Deus espera que nos abeiremos d'Ele para dar nexo aos nossos desencontros. Espera também que nos ajudemos uns aos outros a manter sempre viva a vontade de estarmos com o Bem.

Preocupemo-nos todos com aquilo que sai de nós para os nossos Irmãos. Essa preocupação deve levar-nos à constante harmonia e Paz dentro de nós.

Que cada um aprenda a conhecer-se e a conhecer os outros e com os dados encontrados se construa numa direcção positiva a nova sociedade.

Cristo continua sempre à espera. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Segui-LO é aceitar de antemão as dificuldades e renúncias necessárias à construção da vida; é assumir a nossa liberdade procurando aquilo que nos aproxima d'Ele; porque se não assumimos a nossa própria liberdade na procura do Bem, jamais seremos capazes de compreender a liberdade dos outros e daí as guerras.

Que a vivência dos mistérios Pascais que acabamos de festejar tenha despertado nos cristãos de 1975, maior procura de Paz através de um empenhamento total a partir das características e capacidades de cada um. Não é estar com Deus andar à toa.

Padre Abel

Eu venho a ferver, a fumar!

O mundo fala. Discute. Uns são melhores do que os outros...!

O paraíso... As promessas... Palavras... E palavreado, também.

Temos o direito de nos esclarecer. E já ouvimos respostas: «Não; não basta falar. O Povo quer ver obras...»

Certo!

«O Povo quer...» E tem razão para querer. Nós vemos as carências dos Pobres — sobretudo da Pobreza envergonhada — e procuramos resolver o que

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

mens não contam como pessoas mas apenas como números ou meros seres viventes. Uma palavra amiga e a tempo, o saber escutar os outros, a atenção dispensada, a paciência e a delicadeza no trato, um pequeno serviço e atitudes similares sem calculismos, são absolutamente indispensáveis se desejamos uma vida mais bela e feliz, isto é, mais humana. De tudo isto nos deu profundo exemplo o Vicentino acima referido.

Tribuna de Coimbra

Continuação da PRIMEIRA pág.

rado dum gera a desgraça doutros. A presença entre nós de mais este é mais uma voz a condenar uma sociedade que não ama, mas explora. E a vida de cada homem não pode ser explorada.

Padre Horácio

Uma visita

Continuação da PRIMEIRA pág.

— Pintassilgo — perguntei eu à estação da Missa — quem eram aqueles senhores que me trouxeste?

— Não sei.
— Nem eu...

«Somos do Porto» — disseram-me o nosso visitante.

— Mas onde é a vossa loja?
— Somos do Porto... — basta.

Nem Pintassilgo, nem eu ficámos a saber mais nada.

No Evangelho do dia leu-se o episódio de Emaús, aqui lembrado no número da Páscoa. Jesus foi reconhecido na fracção do pão e logo desapareceu dos olhos dos Discípulos.

Os nossos visitantes partilharam do seu pão e foram-se no silêncio de que tinham vindo.

Quem se atreve a dizer que o Evangelho foi?, que Cristo não é a grande presença, o sal escondido que salva o mundo da total corrupção?!

Padre Carlos

Revolucionários...

está ao nosso alcance, sem paternalismo.

Destinámos umas horas para analisarmos o problema de mais um Auto-construtor.

Ele é casado há 6, tem 29 e a mulher 28 anos. Uns jovens envelhecidos!

— Vivíamos em duas cortes...

O homem é introvertido. A mulher, não.

E a cara dela?! Macilenta.

— Olhe q'ela já escarra sangue...! É fraqueza. Tem d'ir o médico — diz a mãe.

A ascese dos Mártires é assim!

— Vá quanto antes!

E ela sorri! Encolhe os ombros.

Terrível acusação!

A mãe continua:

— Q'ando o açúcar òmentou, a minha filha deixou de tomar café... Por menhão só come um trigo e mais nada...

— Eu tenho apertado. Tenho apertado muito... — intervém a filha. O meio-dia é só uma malga de sopa que sobra de véspera. Ele não sabe...

A ascese dos Mártires é assim!

Olhámos o homem. Baixou a cabeça. Triste. Notámos, depois, o casal olhos fixos um no outro! A solene e delicada expressão de ambos foi lição. Testemunho vivo do Grande Sacramento. Sim; a Mulher forte sacrifica-se até ao martírio. É o Ano Internacional da Mulher...

Este é que é o Povo que faz revoluções. É este — o que se sacrifica pela sua auto-promoção.

— Eu tenho apertado muito... — insiste a mulher. Muito!

Heróis! Mártires! Revolucionários pacíficos!

E continuam a abrir mais o leque da sua história. Sem artifícios, sem verbalismo. Não há nada que chegue à linguagem chãzinha e objectiva dos Pobres!...

Ela viveu na e para a Lavoura. Ele, também, até ser incorporado nas Forças Armadas. Depois... Exactamente! Descobriu o Porto. E presta serviço numa garagem como lavador de automóveis.

Ainda só têm um filho.

De 60 contos amealhados com sacrifício desumano, compraram 500 m² de terreno a 100\$00 o metro. Sobraram 10...

Para começar a obra — o seu calvário — o patrão emprestou 50 contos a juros.

Entretanto, pediu a uma senhora amiga 25 e mais 10 — sem juros.

Contrastes!

— Ainda vou precisar de mais 15...

— Já deve muito, homem!

— Faça as contas: o patrão já dei seis. Desconto dez notas por mês e ainda mais os juros...!

— Portanto, agora deve cerca de 89 contos?

— E ainda preciso de mais 15...

Para estes lados o S.A.A.L. ainda não safu da salgadeira!...

— Como fez a obra?

— Com muito sacrifício...

— É evidente!

— Os sábados, os domingos, os feriados...

— Acrescenta a mulher:

— Eu faço tudo. Trato da massa, chego tijolos, vou à água. Sei lá!

— E ajudas?

— Uns amigos botaram-nos a mão, nas horas vagas...

— E as licenças, os impecilhos?!

— ...!

Mãos dadas — só de Trabalhadores!

— Não pediu um empréstimo à Caixa...?

— Não pedimos nada à Caixa, não senhor! — responde o homem com um ar grave. Sabe porquê?

— Diga.

— No fim de contas, a gente pagaria duas casas... E só Deus sabe quanto nos custa erguer esta!...

O S.A.A.L. ainda não peregrinou por estas bandas...

Demos, entretanto, uma volta pela casa. Gostámos de ver. E saborear. Dois quartos muito grandes. Sala, cozinha, despensa. E um tecto formidável, para arrumações.

A mobília também foi comprada a crédito:

— Só pago quando puder. Sem juros. O contrato foi assim.

Começou o poço no quintal, mas...

— Ainda não o acabei porque precisa d'angolas. São tão caras!

A instalação eléctrica está pronta.

— E a baixada?

— Eles levam-nos os olhos da cara!...

Eles...

Mereciam, sim; estes Heróis mereciam que a Lei lhes desse a mão: a baixada fosse colocada por um valor simbólico ou, então, em última instância..., liquidada a prestações suaves, a longo prazo.

É um direito que lhes assiste. Não endividaram a Nação para a resolução do seu problema. Endividaram-se. Se a si. E sofrem pela sua auto-promoção.

São os grandes Investidores deste País! Descomprometidos. Já o dissemos e repetimos. Descomprometidos. A Nação pode contar com estes Heróis para a resolução do problema primeiro — a Habitação...

A instalação eléctrica espera energia. E lá está um gasómetro de serviço... Contrastes!

Chegámos ao fim. Desbloqueados. Não aliciámos nem alienámos ninguém. Vimos. Ouvimos. Esclarecemo-nos. Sofremos. E demos as mãos... moral e materialmente. Demos as mãos — sem paternalismo.

— Quer um copo de vinho? Beba! Beba!...

Não aceitámos. Com vergonha o dizemos. Tínhamos bebido café! O verde, porém, ficou-nos atravessado. Mais pela insistência delicada da oferta.

— Afinal, quanto ganha?

— 3.800\$00.

— Líquidos?!...

— Sim; com todos os descontos.

O que aí vai, sem literatura — qual imagem triste e palpitante — é uma terrível acusação.

Até quando?!

P. S. — Aproveitámos uma ocasião propícia para abordar alguns aspectos do caso vertente — e de outros — a nível oficial.

1. Baixadas:

— O interessado precisa de fazer a tradicional exposição aos respectivos Serviços;

— a atribuição de um valor simbólico é impossível, atendendo à situação económica dos Serviços e porque «seria uma injustiça em relação aos outros consumidores»...;

— a liquidação a prazo, para casos destes, é omissa nos regulamentos;

— em suma: o Auto-construtor solicita, por carta, um preço económico, o melhor preço, e «nós faremos o que for possível»...

2. S. A. A. L.:

Já esperávamos: tentativas isoladas, falta de verbas, etc.

3. Terrenos para construção:

Levantou-se uma voz clamando energicamente pela reformulação da lei do loteamento, nas zonas rurais. «Nós, os Trabalhadores, não podemos construir a nossa casa! Somos obrigados a comprar um número inteiro, se não houver lotes...»

Entretanto, soubemos que no caso vertente o Auto-construtor, por isso mesmo, se viu obrigado a construir a moradia em nome de outrem!...

Quando a lei for infiqua, rasga-se! E regulamenta-se em condições.

«Nós, os Trabalhadores, não podemos construir a nossa casa...» A afirmação cairá em saco roto?

4. Plantas:

A Câmara já tem possibilidade de fornecer plantas aos Auto-construtores! Recomendamos, porém — alto e bom som — que o benefício seja divulgado suficientemente.

Hoje mesmo, ainda há boas intenções que não passam dos gabinetes e repartições...!

Júlio Mendes

CORRESPONDÊNCIA DA FAMÍLIA

«No passado sábado, dia 26, pelas 19,40 h., a cidade de Pretória viveu um momento importante. Os milhares de pássaros e rolas que pululam a nossos pés silenciaram os seus chilreios, para escutarem os

primeiros trinados da garganta de minha filha.

Antes, os mesmos pássaros entoavam cânticos, tentando abafar os gritos de dor da mamã feliz.

Entretanto, à mesma hora, noutros pontos do globo, os homens degladiavam-se, de armas em punho, à procura da PAZ. Não seria melhor escutarem estes passarinhos e ouvirem o choro alegre de minha filha e de outras crianças geradas na dor, num mundo conturbado que julga encontrar a PAZ através da dor, do derramamento de sangue, da morte?...

Desculpe o atrazo destas linhas, mas o tempo cada vez é menos para conciliar a minha vida actual: trabalho, visitas às minhas queridas e o descanso que o corpo pede, pois o trabalho exige repouso.

Quero construir aqui o meu futuro, se os homens me deixarem, é claro...

É tudo por hoje.

Para a minha filha peço a sua bênção de Pai e Padre.

Dos papás felizes aqui vai o abraço amigo

José Adolfo e Matildes



 **Gaiato**

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa